



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JULIANA DA SILVA MONTEIRO

**CULTURA ESCOLAR: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO
PRIMÁRIO NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO. O GRUPO
ESCOLAR TENENTE AVIADOR ANTÔNIO JOÃO EM CAARAPÓ/MS
(1950-1974)**

DOURADOS - MS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Faculdade de Educação

**CULTURA ESCOLAR: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO
PRIMÁRIO NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO. O GRUPO
ESCOLAR TENENTE AVIADOR ANTÔNIO JOÃO EM CAARAPÓ/MS
(1950-1974)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, por Juliana da Silva Monteiro, para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Paula Gomes Mancini

DOURADOS-MS

2011

JULIANA DA SILVA MONTEIRO

**CULTURA ESCOLAR: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO
PRIMÁRIO NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO. O GRUPO
ESCOLAR TENENTE AVIADOR ANTÔNIO JOÃO EM CAARAPÓ/MS
(1950-1974)**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Gomes Mancini - UFGD
Presidente da comissão e orientadora

Prof.^a Dra. Diana Gonçalves Vidal - USP
Titular da Banca

Prof.^a Dr.^a Alessandra Cristina Furtado - UFGD
Titular da Banca

DOURADOS - MS

2011

A minha mãe Cida, minha matriz, meu primeiro vínculo com o mundo.

Ao meu avô José Gomes da Silva, *filho do nordeste*.
(*in memoriam*)

A Ramão Vargas de Oliveira, o mais autêntico historiador e memorialista caarapoense.
(*in memoriam*)

*“Emprestai-me sua voz...
Dá-me pela palavra, que é sua, o direito de ser eu,
Permita-me contar como foi, como vejo, ou pelo menos como vi.
Deixe-me dizer, não como aquele que faz da saudade um projeto de vida
nem da memória um exercício.
Tenho uma história, minha, pequena mas única.
Pergunte-me o que quiser, mas deixe-me falar o que sinto
Dir-lhe-ei minha verdade como quem talha o passado
flanando sobre dores e alegrias
Contar-lhe-ei o que preciso como alguém que anoitece depois
da aventura de auroras e tempestades,
como alguém que destila a emoção de ter estado.
Farei de meu relato mais que uma oração, um registro.
Oração e registro simples, de indivíduo na coletividade que nos une.
Empresta-me sua voz e letra para dizer que provei o sentido da luta,
Para responder ao poeta que “sim”, que valeu a pena e que a alma é
enorme
Empresta-me o que for preciso:
a voz, a letra e o livro
para dizer que experimentei a vida e que, apesar de tudo,
também sou história.”*

José Carlos Sebe Bom Meihy

AGRADECIMENTOS

Este é um momento que nos tira o peso da solidão da escrita e nos faz reconhecer o quanto estivemos cercados de pessoas que compartilharam conosco esta experiência e fizeram dela um processo coletivo. Na verdade, o momento de agradecer rompe com o protocolo, com a formalidade e com a racionalidade de uma produção acadêmica e nos convence que de fato, uma dissertação não é feita apenas de estudo e pesquisa.

Antes de agradecer às pessoas que foram significativas para a concretização deste trabalho, agradeço primeiramente a Deus por ter me dado o dom da perseverança. Sim! Agradeço sim a Deus, pois tantas vezes quando o cansaço e o desânimo me abateram eu sentia que Ele cuidava de mim, renovava minhas forças e me fazia persistir diante dos obstáculos.

Agradeço à minha família, sobretudo, à minha mãe Cida, que sempre apoiou os meus sonhos e os meus projetos em todos os sentidos. Mais do que isso, na escola da vida, ela foi e é a minha maior professora: ensinou-me a ser uma pessoa digna, honesta, honrada, corajosa, determinada e a nunca desistir daquilo que me propus a conquistar. A ela devo ainda um agradecimento mais comezinho: os seus carinhos expressados nos mais coloridos gestos, ou melhor, nos seus chazinhos de tantas cores – verde, branco, vermelho – que ela acreditava piamente que seriam determinantes na minha escrita; as suas batidas na porta que prenunciavam as perguntas: - *Está tudo bem? Já escreveu bastante? Trouxe um chá...*

Agradeço ao meu pai Venâncio Monteiro por ter me ensinado a importância da generosidade e do bom humor. Ao meu tio João Paulo, que com o seu exemplo, me ensina todos os dias as virtudes da paciência e da calma. A minha querida avó Dôra pelas suas constantes orações e por me enveredar sempre pelo caminho da fé.

Aos meus primos tão amados Rodrigo e Mariana. Para estes, não necessariamente um agradecimento, mas a simples constatação de que só o fato deles existirem faz da minha vida uma festa. Agradeço todos os dias a Deus por vocês crescerem na minha presença.

A meu grande amigo Bruno do Amaral Crispim, companheiro de sonhos acadêmicos. O Bruno é um ser humano raro, capaz dos gestos mais nobres. Biólogo de profissão e coração, além de inteligente, é um convicto defensor da natureza. Nesse árduo percurso Caarapó/Dourados rumo à UFGD, compartilhou comigo as minhas alegrias e conquistas, mas também as dificuldades, o cansaço e os medos. Obrigada meu anjo amigo pela certeza que você me transmite de poder contar contigo sempre.

Agradeço a minha amiga Vanessa Ramos Ramires, e sem querer ser redundante, agradeço pela sua amizade sincera, seu amparo, suas orações, sua atenciosidade. A minha amiga Cindy Romualdo Souza Gomes, pela sua personalidade forte, pelo seu companheirismo que tornou o percurso desse mestrado mais leve, que sempre me dava ânimo novo, sem contar as conversas dos assuntos mais diversos no trajeto da UFGD, que iam da Filosofia à jardinagem rapidamente. A Nataly Gomes Ovando, tantos adjetivos... nossa pequena grande amiga cantora, coração valente e voz incrível. Nossos eventos não teriam o mesmo charme e aconchego sem as suas canções. Enfim, esse trio inesquecível foi fundamental. Obrigada meninas pelas alegrias e risadas compartilhadas, pelas dificuldades divididas, pelos sorvetes, cafezinhos, em suma, por terem entrado para a minha história pessoal.

Meu agradecimento especial a Adriana Guimarães Souza pela lealdade, atenção e carinho e ainda às minhas amigas Simone Estigarribia de Lima, Márcia Prenda Teixeira, Marcia Maria Ribera Lopes, Milene Dias Amorim, Nubea Rodrigues Xavier e Cristina Pires Ávila Santana pela amizade e companheirismo neste percurso.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Ana Paula Gomes Mancini. Obrigada pela confiança, pelo incentivo e por ter acreditado e apostado em mim. A senhora sabe o quanto a concretização desse trabalho é significativa em minha vida.

Agradeço imensamente a Prof.^a Dr.^a Diana Gonçalves Vidal da Faculdade de Educação da USP, por ter se disposto em deixar seus inúmeros afazeres para participar de minha banca. Não me sinto apenas agradecida, mas honrada pelas contribuições e apontamentos desta que é um dos maiores nomes do Brasil no que se refere aos estudos da História da Educação e da Cultura Escolar. Não poderia deixar de citar ainda, a tamanha gentileza em me presentear com suas obras que foram de fundamental importância para as minhas reflexões, sem contar os gestos de atenciosidade, como o de enviar seus textos e de se colocar à disposição para contribuir com a minha pesquisa.

A Prof.^a Dr.^a Alessandra Cristina Furtado por fazer parte da avaliação deste trabalho e mais do que isso, pela atenciosidade de sempre, pelo amor e compromisso que transmite ter pelo seu ofício e pela produção do conhecimento.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da UFGD reitero não somente os meus agradecimentos, mas o reconhecimento pelos saberes partilhados, pela competência, empenho e dedicação com que empreenderam o trabalho docente.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Maria do Carmo Brazil pelo bom humor e, sobretudo, pela alegria com que administrava suas aulas, fazendo delas, momentos inesquecíveis, e por que não dizer históricos?

Ao Professor Mário Duran Leitão, uma das pessoas mais humanas, generosas, altruístas, despretensiosas e cordiais que eu já conheci. Obrigada Sr.^o Mário pela disponibilidade e pela contribuição. A propósito, não somente eu, mas tantos caarapoenses deveriam ser gratos a ti por tamanho desprendimento com que tens assumido os problemas sociais da nossa gente, pois, além de ter honrado durante anos o ofício de professor de tantas crianças e jovens, sempre esteve à frente de iniciativas e entidades filantrópicas que defendem uma qualidade de vida melhor aos caarapoenses que vivem em situação de vulnerabilidade. Estendo ainda esse agradecimento a sua esposa, Sr.^a Vera Lúcia Cuzinato Leitão. Obrigada por terem aberto a porta da casa de vocês e compartilhado suas histórias com esta pesquisadora.

Agradeço a Sr.^a Geny Maria dos Santos, ao Sr.^o José Roque dos Santos, Sr.^o Getúlio Pando Álvares, Sr.^a Maria Petrucci Longhini por tamanha contribuição e carinho a mim dispensados, principalmente, pela concessão dos documentos de seus arquivos pessoais.

A todos da Escola Estadual Tenente Aviador Antônio João, que fazem dessa escola um templo da cultura e da educação. Agradeço em especial a diretora Sônia Aparecida Pereira e ao Secretário Filomeno Maidana Candado – famoso *Filó* – pela atenção e receptividade. Obrigada por me fazerem sentir sempre chegando na ‘minha escola’.

A Sr.^a Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro, irmã do Tenente Aviador Antônio e filha do ex-governador Arnaldo Estevão de Figueiredo. Agradeço pela dedicação com que tem lutado pela história, memória e cultura sul-mato-grossense.

Aos funcionários do Centro de Documentação Regional da Faculdade de Ciências Humanas da UFGD. A Cristina do Carmo Castilho Defendi do Museu Municipal de Caarapó. Aos funcionários do Jornal *O Progresso*. A Cláudia Finger, Secretária de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFGD. Obrigada a todos pela cordialidade com que sempre me receberam.

RESUMO

A Proclamação da República brasileira em 1889 consolidou um novo tempo, marcado pela busca do progresso e da modernização do Brasil. Inserida nesse contexto, a educação é legitimada como instrumento privilegiado para romper com o passado de atraso, formar o novo cidadão republicano e garantir a nacionalidade do país. Desse projeto surgem os Grupos Escolares, imbuídos de uma missão civilizadora e da incumbência de concretizar os ideais republicanos. Os Grupos Escolares constituíram-se como escolas graduadas e representaram um modelo inovador de organização, ensino e cultura escolar primária, com base num sistema complexo, moderno e racional. Em Mato Grosso esse modelo foi implantado em 1910, pela Reforma Pedro Celestino. Não obstante, a presente pesquisa, por sua vez, propõe investigar o processo de institucionalização do ensino primário no interior do Sul do antigo Mato Grosso a partir da implantação dos Grupos Escolares e à luz do cotidiano, da cultura escolar e material da escola. A propósito, esta pesquisa incide especificamente sobre a cultura escolar, as práticas e representações do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João no município de Caarapó/MS. O recorte temporal compreende o ano de criação da escola em 1950 até 1974, ano da conversão do Grupo Escolar para Escola Estadual de 1.º Grau Tenente Aviador Antônio João, em consequência da Reforma do Ensino proposta pela LDB n.º 5.692 de 11 de agosto de 1971, que extinguiu formalmente os grupos escolares no Brasil e dissolveu a escola primária no Ensino de 1.º Grau. Ao longo da pesquisa propomos desvendar ainda, os caminhos percorridos pela escola em Caarapó, atravessando as vicissitudes de seu contexto regional, permeado pela intersecção entre uma cultura rural e urbana em ascensão, pelos conflitos políticos e divisionistas do Estado, pela organização de sua população e pelos próprios desafios de uma jovem cidade interiorana na segunda metade do século XX. Tais propostas emergiram de problemáticas que se impuseram desde o início da pesquisa, tais como: Em que medida os grupos escolares foram implantados no interior do Sul do antigo Mato Grosso e puderam representar o símbolo da modernidade? De que forma atenderam as demandas de alunos em seu imenso território, realizando o princípio da educação popular? De que modo o Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João influenciou a cultura urbana e a infância caarapoense? Para tanto, como procedimentos metodológicos, optou-se pela análise documental e análise de conteúdo, partindo principalmente de fontes impressas, fontes orais, fontes fotográficas e arquivos particulares. Ademais, a importância dessa pesquisa se justifica pelo comprometimento em deslocar a atenção da história dos grandes centros urbanos e dos grandes acontecimentos, para a reconstrução da história do interior de um Estado do Centro-Oeste do país, preocupando-se com suas práticas culturais e educacionais. Espera-se que por meio deste trabalho, possamos contribuir no plano do conhecimento do objeto estudado, para a escrita da história da educação do Sul do antigo Mato Grosso, ou porque não dizer do Mato Grosso do Sul, e da Escola Tenente Aviador Antônio João, implicando-a no processo de mudanças da sociedade em que está inserida.

Palavras-chave: cultura escolar, história da educação, grupos escolares, Caarapó, Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João.

ABSTRACT

The Proclamation of the Brazilian Republic in 1889 consolidated a new time, marked by the pursuit of progress and modernization in Brazil. Within this context, education is legitimized as a privileged instrument to break with the past behind schedule, form the new republican citizen and ensure the nationality of the country. This project, there were the elementary schools, imbued with a civilizing mission and the task of realizing the ideal Republican. The School Groups constituted as graduate schools and represented an innovative model of organization, primary school education and culture, based on a complex system, modern and rational. In Mato Grosso, this model was implemented in 1910 by Pedro Celestino Reform. Nevertheless, the present research, in turn, proposes to investigate the process of institutionalization of primary education within the former South Mato Grosso from the implementation of the elementary schools and in the light of everyday life, school culture and school stuff. Incidentally, this research focuses specifically on the school culture, practices and representations of school group Tenente Aviador Antônio João municipality in the Caarapó/MS. The time frame includes the creation of the school in 1950 until 1974, the year of conversion from school group to a State School of 1.º Degree Tenente Aviador Antônio João, in consequence of the Education Reform proposed by the LDB N.º 5.692 of 11 August 1971, which formally abolished the school groups in Brazil and dissolved primary school teaching in 1.º Degree. Throughout this study we propose still unravel, the paths taken by the school in Caarapó, through the vicissitudes of its regional context, permeated by an intersection between rural and urban culture on the rise, divisive political conflict and the State, the organization of its population and themselves challenges of a young provincial town in the second half of the twentieth century. Such proposals have emerged from issues that have been imposed since the beginning of research, such as: the extent to which school groups were established within the former South Mato Grosso and might represent the symbol of modernity? How students responded to the demands of its huge territory, carrying out the principle of education? How does the School Group Tenente Aviador Antônio João influenced urban culture and childhood caarapoense? To this end, as instruments, we chose to document analysis and content analysis, based mainly on printed sources, oral sources, photographic supplies and personal files. Moreover, the importance of this research is justified by the impairment in shifting attention in the history of major urban centers and major events for the reconstruction of the history of the interior of a Midwestern state of the country, worrying about their cultural practices and education. It is hoped that through this work, we can contribute in terms of knowledge of the studied object, for writing the history of education of the former South Mato Grosso, or should we say, Mato Grosso do Sul, and the School Tenente Aviador Antônio João, implicating it in the process of changes of society in which it operates.

Key-words: school culture, history of education, school groups, Caarapó, School Group Tenente Aviador Antônio João.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Fazenda Campanário, década de 1920. Ao fundo a farmácia.	37
Figura 2. Visita do Presidente Getúlio Vargas em Campanário, década de 1930.	37
Figura 3. Administração da Companhia Mate Laranjeira, década de 1920.	38
Figura 4. Torneio de Jockey em Campanário, década de 1930.	38
Figura 5. Vista panorâmica da Fazenda Campanário, década de 1920.	39
Figura 6. Destacamento da Companhia Mate Laranjeira, 1921.	40
Figura 7. Trabalhadores braçais da Fazenda Campanário, década de 1920.	40
Figura 8. Mineiros da Fazenda Campanário, década de 1920.	41
Figura 9. Trabalhador no Barbaquá para a secagem da erva, década de 1920.	41
Figura 10. Famílias indígenas que trabalhavam em Campanário, década de 1920.	42
Figura 11. Capitão Heitor Mendes Gonçalves com indígenas, década de 1920.	42
Figura 12. Casa dos trabalhadores da Fazenda Campanário, década de 1930.	43
Figura 13. Casa dos administradores na sede da Fazenda Campanário, década de 1930.	44
Figura 14. Escola da Fazenda Campanário, década de 1920.	47
Figura 15. Alunos do Grupo Escolar de Campanário com o Presidente Vargas, década de 1930.	47
Figura 16. Escola de São Domingos. Fundada desde 1921, mais tarde passou a se chamar Escola Estadual do Cerrito, funcionando por mais 37 anos (1940-1977). Fotografia de 1970.	57
Figura 17. Prédio antigo das Escolas Reunidas Tenente Aviador Antônio João, 1950.	58
Figura 18. Lateral do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1959.	58
Figura 19. Fachada do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1974.	59
Figura 20. Prédio antigo no qual funcionou provisoriamente o Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João.	63
Figura 21. Escola Rural Municipal Engracia Cuê, 1970 – Caarapó.	75
Figura 22. Escola Rural Municipal Joaquim Murтинho, 1970 – Caarapó.	75

Figura 23. Escola Rural Municipal Porto Novo, 1970 – Caarapó.....	76
Figura 24. Escola Rural Municipal Água Rica, 1970 – Caarapó.	78
Figura 25. Escolas Reunidas Coronel Octávio Tosta. Colônia Café Porã, 1969.....	79
Figura 26. Escola Rural Municipal Castro Alves, 1970.....	79
Figura 27. Escola Rural Municipal Santa Terezinha, Caarapó – 1970.	91
Figura 28. Escola Rural Municipal Rui Barbosa, Caarapó – 1970.....	91
Figura 29. Escola Rural Municipal São Miguel, Caarapó – 1970.....	92
Figura 30. Escola Rural Municipal Osvaldo Cruz. Foto retirada em 1970.	92
Figura 31. Escola Municipal Braz Cubas. Espaço improvisado de uma igreja. Foto tirada em 1970.....	93
Figura 32. Escola Municipal Rural São Luís.....	93
Figura 33. Crianças brincando, 1969.....	96
Figura 34. Professores e alunos das Escolas Reunidas Coronel Octávio Tosta, 1969.....	97
Figura 35. Escolas Reunidas Coronel Octávio Tosta, 1969. Colônia Café Porã – Caarapó. ..	98
Figura 36. Curso de Professores, 1970.....	101
Figura 37. Entrega de certificados do curso de professores. Prof.º José Roque dos Santos recebe certificado do Prefeito Armando Campos Belo, 1969.	101
Figura 38. Fachada das Escolas Reunidas Coronel Octávio Tosta. Colônia Café Porã, 1969.	102
Figura 39. Apresentação de 7 de Setembro da Fanfarra das Escolas Reunidas Coronel Octávio Tosta. Colônia Café Porã, 1970.....	102
Figura 40. Escolas Reunidas Padre José de Anchieta, 1970.	106
Figura 41. Chegada da energia elétrica em Caarapó. Praça Central, 1970.....	108
Figura 42. Iluminação Urbana. Fachada da Prefeitura, 1970.....	108
Figura 43. Caarapó: Ciclo da Madeira, 1969.	109
Figura 44. Crianças caarapoenses, 1970.....	115
Figura 45. Um dia de eclipse em Caarapó, quando ainda se plantava milho nas ruas da cidade e no quintal das casas, 1967.....	116
Figura 46. Procissão em Caarapó, 1963. Santas Missões Populares.....	117

Figura 47. Fixação do cruzeiro em Caarapó, 1963. Ao fundo a antiga capela.....	118
Figura 48. Coroação de Nossa Senhora. Igreja Matriz de Caarapó, 1966.....	118
Figura 49. Comício de Armando Campos Belo – Caarapó, 1967.	120
Figura 50. Inauguração da Igreja Matriz Senhor Bom Jesus em Caarapó, 1964.	120
Figura 51. Homens armados, 1960. Nessa época, muitas crianças participavam das diversas atividades adultas.....	121
Figura 52. Feira de Ciências do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1971. In: Oliveira (1988, p. 94).	127
Figura 53. Teatro apresentado por professores e alunos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1970.....	127
Figura 54. Cartilha Caminho Suave, 71. ^a edição de 1969.	136
Figura 55. Cartilha Caminho Suave, 74. ^a edição de 1974.	136
Figura 56. Alunas de Admissão do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João recebem diploma, 1961.....	138
Figura 57. Alunas de Admissão do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1961....	138
Figura 58. Alunas de Admissão na varanda do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1961.	139
Figura 59. Contracapa livro <i>Vamos Estudar?</i> , 1958.	140
Figura 60. Livro <i>Vamos Estudar?</i> Páginas 5 e 6, 1958.	140
Figura 61. Livro <i>Vamos Estudar?</i> Páginas 7 e 8, 1958.	141
Figura 62. Livro <i>Vamos Estudar?</i> Página 9, 1958.	141
Figura 63. Desfile de 7 de Setembro, 1966.	145
Figura 64. Desfile de 7 de Setembro, saindo de frente ao Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1972.....	145
Figura 65. Desfile de 7 de Setembro na Rua XV de Novembro, 1972. No detalhe da faixa os dizeres: <i>Trabalhamos e estudamos para o Progresso de Caarapó</i> , acenam para as ideologias da época.	146
Figura 66. Alunos da fanfarra do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1972. Nos cantos esquerdo e direito da foto, dois alunos que não faziam parte da fanfarra invadem o enquadre da fotografia, um deles fazendo gestos irreverentes com as mãos.	146
Figura 67. Professor e aluna do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1972.....	147

Figura 68. Alunos e professor do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1974.....	147
Figura 69. Bilhete recebido pela Prof. ^a Maria Pietrucci Longhini, 1970.	149
Figura 70. Dia do Professor, 1972.....	149
Figura 71. Alunos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1959.	151
Figura 72. Alunos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João. Ao fundo alunos brincando de bola de gude, 1970.....	152
Figura 73. Desfile de 7 de Setembro, 1972.	153
Figura 74. Sala de aula do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio, 1974.	162
Figura 75. Sala de aula e quadro negro do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio, 1974.	163
Figura 76. Alunas do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João na Praça Central de Caarapó.....	165
Figura 77. Fachada do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1959.....	166
Figura 78. Espaço de recreação do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1959. ...	167
Figura 79. Banheiros de madeira do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1969. .	168
Figura 80. Fachada do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1970.....	168
Figura 81. Reforma da cerca do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João pelos Professores, pais e alunos, 1973.	169
Figura 82. Parte Interna do Grupo Escolar	Figura 83. Parte interna da Escola em
2005.	170
Figura 84. Fundos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João Em 1959.....	170
Figura 85. Parte Interna do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João em 1969.....	171
Figura 86. Interior da cozinha do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1969.....	171
Figura 87. Novos banheiros do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1974.	172
Figura 88. Parte interna do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João após a reforma, 1974.	173
Figura 89. Pátio interno do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1974.....	174
Figura 90. Pátio interno do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1974.....	174
Figura 91. Biblioteca do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1974.....	175
Figura 92. Diretoria do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1974.....	175

Figura 93. Secretaria do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1974.....	176
Figura 94. Fachada da Escola Estadual Tenente Aviador Antônio João, 2011.....	176
Figura 95. Comemoração do Dia do Índio. Alunos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1966.....	179
Figura 96. Desfile dos alunos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João. Dia do Índio, 1966.....	180
Figura 97. Dia de São Francisco. Alunos e professores do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1964.....	180
Figura 98. Alunos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1970.....	181
Figura 99. Alunos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1974. Porta de entrada do Grupo.....	182
Figura 100. Alunas do curso de admissão, 1961.....	182
Figura 101. Alunos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1970.....	183
Figura 102. O ensino é gratuito?	Figura 103. Panfleto, 1971..... 190
Figura 104. Relatório da Caixa Escolar de Alunos, 1972.....	191
Figura 105. Donária Rodrigues Mantovani, 1964.....	193
Figura 106. Irmã Santina Kestring durante excursão com alunos em Sete Quedas, 1972.....	194
Figura 107. Professoras, década de 1970.....	198
Figura 108. Ficha de Inscrição e Cartão de Identificação do Professor.....	199
Figura 109. Professor Mário Duran Leitão. Ao fundo, a porta de entrada do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1969.....	201
Figura 110. Alunos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João em formação de filas, década de 1970.....	205
Figura 111. Fachada da Escola Estadual de 1.º Grau Tenente Aviador Antônio João, 1974.....	208
Figura 112. Aluno da Escola Estadual de 1.º Grau Tenente Aviador Antônio João, 1974.....	208
Figura 113. Reforma da escola pelos pais, alunos, professores e funcionários, 2005.....	227
Figura 114. Reforma da escola pelos pais, alunos, professores e funcionários, 2005.....	227
Figura 115. Parte interna da Escola, 2005.....	228
Figura 116. Espaço para aula de educação física, 2006.....	229

Figura 117. Espaço para aula de educação física, 2006.	229
Figura 118. Quadra poliesportiva, depois de 56 anos de espera, 2006.....	230
Figura 119. Alunos recebem material escolar da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2010.	231
Figura 120. Festa Junina, 2010.....	231
Figura 121. Projeto de leitura, 2010.	232
Figura 122. Sala de aula. Alunos em atividade, 2010.	232
Figura 123. Atividades com maquete, 2010.....	233
Figura 124. Aula com recurso audiovisual, 2010.....	233
Figura 125. Educação para o trânsito, 2010.	234
Figura 126. Parte interna da escola, 2011.....	235
Figura 127. Fundos da escola, 2011.	235
Figura 128. Lateral da escola, 2011.....	236
Figura 129. Lateral da escola, 2011.....	236
Figura 130. Fachada da escola, 2011.....	237
Figura 131. Visão geral da escola, 2011.....	237

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mapa do Movimento Geral das Escolas Primárias do Município de Caarapó – 1971	84
Quadro 2 - Mapa Geral da Matrícula Escolar de alunos da Escola Rural Mista São Lourenço – Caarapó, 1972.....	88
Quadro 3 - Boletim de Visita de Supervisão do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João – Maio de 1971	156
Quadro 4 - Boletim de Visita de Supervisão do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João – Junho de 1971	157
Quadro 5 - Calendário das Comemorações Escolares – 1968.....	177
Quadro 6 - Mapa do Movimento Geral – Professores do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João, 1970.....	200

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Mapa do Movimento Escolar da Escola Rural Mista de Joá – Caarapó, 1972	86
Tabela 2 - Mapa do Movimento Escolar da Escola Rural Mista São Lourenço, 1972	87
Tabela 3 – Número de Crianças em idade escolar em Caarapó - 1970	106
Tabela 4 – Distribuição das crianças nas Escolas – 1970.....	107
Tabela 5 – Número de Crianças em idade escolar – 1971.....	110
Tabela 6 – Distribuição das crianças nas escolas – 1971	110
Tabela 7 - Resultado Final dos Exames de 1957 do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João.....	186
Tabela 8 - Resultado Final dos Exames de 1964 do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João.....	187

LISTA DE ABREVIATURAS

ACARMAT – Associação de Crédito e Assistência Rural de Mato Grosso

APMT – Arquivo Público de Mato Grosso

CDR – Centro de Documentação Regional (UFGD)

DRE – Delegacia Regional de Ensino

INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MES – Ministério da Educação e Saúde

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - UM DIÁLOGO ENTRE O NACIONAL E O REGIONAL: CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA DO ENSINO PRIMÁRIO EM MATO GROSSO E CAARAPÓ.....	15
1.1 O movimento político-social nas primeiras décadas da República.....	15
1.2 Um novo conceito de Ensino Primário: a origem dos Grupos Escolares no Brasil e no Mato Grosso	22
1.2.1 A Reforma Educacional mato-grossense de 1910	26
1.3 A institucionalização dos Grupos Escolares no Sul do antigo Mato Grosso	28
1.3.1 A escola chega ao interior: o acesso ao ensino público primário	34
1.3.2 A cidade e a escola: o Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João em Caarapó	59
CAPÍTULO II - CAMINHOS DA ESCOLA: DA CULTURA RURAL À CULTURA URBANA	69
2.1 Um projeto <i>Novo</i> : a democratização do ensino, a modernização da cidade e do homem.....	69
2.2 A Crise da Educação: por entre escolas rurais e urbanas, entre o campo e a cidade	74
2.3 A expansão do ensino e da cidade na Ditadura Militar.....	95
2.4 A cultura urbana e o cotidiano em Caarapó	113
CAPÍTULO III - CULTURA ESCOLAR E PRÁTICA SOCIAL: O GRUPO ESCOLAR TENENTE AVIADOR ANTÔNIO JOÃO.....	123
3.1 O Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João (1950-1974): entre práticas, representações e saberes escolares	123
3.1.1 A cultura material do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João: alguns vestígios da cotidianidade	142
3.1.2 Tempos e espaços escolares	158

3.2 Os alunos do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João	181
3.2.1 O aproveitamento escolar.....	185
3.3 O ensino remunerado: público, porém pago!.....	189
3.4 De andarilhos a profissionais da educação: quem eram os professores do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João?	192
3.5 A conversão do curso primário em Ensino de 1.º Grau em 1971: não há mais Grupos Escolares?.....	203
3.5.1 De Grupo Escolar a Escola Estadual de 1.º Grau Tenente Aviador Antônio João em 1974: as vicissitudes de uma transição.....	204
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215
ANEXOS	227
ANEXO A – FOTOS DA ESCOLA ESTADUAL TENENTE AVIADOR ANTÔNIO JOÃO, 2005	227
ANEXO B – FOTOS DA ESCOLA ESTADUAL TENENTE AVIADOR ANTÔNIO JOÃO, 2006.	229
ANEXO C – FOTOS DA ESCOLA ESTADUAL TENENTE AVIADOR ANTÔNIO JOÃO, 2010	231
ANEXO D – FOTOS DA ESCOLA ESTADUAL TENENTE AVIADOR ANTÔNIO JOÃO, 2011	235

INTRODUÇÃO

O final do século XIX e início do século XX constituíram um período de intensas transformações para a modernidade, gerando consequências não somente na configuração da sociedade brasileira, mas no modelo de organização escolar, por meio de inovações nas práticas educativas e nas instituições de ensino, destacando-se, sobretudo, a implantação dos grupos escolares como marco da renovação do ensino primário no Brasil. Nascia então, a escola urbana, graduada, laica e racional, idealizada com o propósito de universalizar, modernizar e normatizar o ensino elementar no país.

Entendemos que a escola desempenha um papel fundamental para compreensão de uma determinada região e a sociedade que a cerca. Configura-se também como um espaço privilegiado para a realização de pesquisas em história da educação. Nesse sentido, constatamos que, nos últimos anos, é crescente o número de pesquisas sobre a implantação dos grupos escolares nos diversos estados brasileiros no período da Primeira República, todavia, quando nos questionamos sobre o antigo Sul do Mato Grosso, atualmente, Mato Grosso do Sul, carecemos de pesquisas, principalmente, referentes às regiões do interior do Estado.

A partir daí, emergiram algumas problemáticas que nortearam nossas investigações e delinearão o nosso objeto de pesquisa como: Em que medida os grupos escolares foram implantados no Sul do antigo Mato Grosso e puderam representar o símbolo da modernidade? De que forma atenderam as demandas de alunos no imenso território mato-grossense, realizando o princípio da educação popular? De que modo os grupos escolares influenciaram a cultura e as práticas escolares? Outros questionamentos foram derivando dessas problematizações e trouxeram à tona múltiplos desdobramentos em relação ao lugar ocupado pelos grupos escolares nas representações de escolas primárias em determinados contextos e regiões do Estado, considerando a sua coexistência com outras modalidades de ensino, como as escolas isoladas, as escolas reunidas urbanas e rurais e as escolas rurais de núcleos coloniais.

Assim, o presente trabalho tem como objeto de estudo a cultura escolar no processo de institucionalização do ensino primário no interior do Sul do antigo Mato Grosso, caracterizado pelo modelo organizacional dos Grupos Escolares. Mais precisamente, esta pesquisa incide sobre as práticas culturais e a história do Grupo Escolar Tenente Aviador

Antônio João, que é a escola mais antiga do município de Caarapó/MS, foco empírico desta investigação. O recorte temporal delimitado compreende o ano de criação da escola em 1950 até 1974, quando da conversão de Grupo Escolar para Escola Estadual de 1.º Grau Tenente Aviador Antônio João motivada pela Lei N.º 5.692 de 11 de agosto de 1971 que extinguiu formalmente os grupos escolares no Brasil e o ensino primário tornou-se o centro de inúmeras mudanças.

Considerando que esta pesquisa abrange um período anterior a divisão do Estado do Mato Grosso pela Lei Complementar n.º31 de 11 de outubro de 1977, ao longo deste trabalho, será utilizado a denominação *Sul do Mato Grosso* em referência ao então Estado de Mato Grosso do Sul.

O objetivo geral deste trabalho consiste em compreender como se deu esse processo de institucionalização da instrução pública primária no Sul do antigo Mato Grosso mediante a cultura escolar e o ideário dos grupos escolares, de modo a apreender as implicações socioculturais que esta modalidade representou para a região. Pretende-se ainda, deslocar o olhar da história dos grandes centros urbanos e dos grandes acontecimentos, para a história do interior de um estado do Centro-Oeste do país, com as suas produções culturais, os modos de organização da sua população, suas experiências de mudanças da estrutura educacional e os diferentes roteiros que a escola percorreu ao longo de sua história.

Antes de mais nada, não dá para negar que a escolha do presente objeto de pesquisa perpassou pelo meu cotidiano e as minhas memórias de infância até sua definitiva materialização durante o percurso no Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Eu nasci em Caarapó, codinome *Vale da Esperança*, cidade do interior de Mato Grosso do Sul que fica a quase duzentos e setenta quilômetros da capital Campo Grande. Sou descendente de avós nordestinos que um dia ouviram falar da *Marcha para o Oeste* e das famigeradas terras do Sul de um Estado pouco conhecido da nação, o Mato Grosso. Meus avós se estabeleceram na Colônia Cristalina, que mais tarde tornou-se Distrito do Município de Caarapó e lugar no qual meu pai, normalista do interior de São Paulo veio trabalhar como professor e mais tarde diretor das Escolas Reunidas Pe. José de Anchieta. Posteriormente, a família mudou-se para a sede Caarapó em 1978.

Na minha primeira infância, enquanto ainda não completava a idade escolar, sempre insistia para que o meu pai me levasse em seu trabalho, sonho simples de criança com anseio de ocupar uma carteira de escola. No tão sonhado dia, que se tornou memorável, sentei-me numa carteira na primeira fila. Lembro que a minha estatura ainda não permitia que os meus

pés tocassem o chão, embora os meus pensamentos pudessem tocar os sonhos mais inimagináveis sobre a leitura e a escrita. Durante a aula, as crianças copiavam atentas o que o mestre escrevia, e enquanto eu apenas fitava com o olhar curioso o quadro negro e as letras escritas a giz, que para mim ainda eram uma incógnita, um universo misterioso. Ao som da sineta que anunciava o recreio, todos deixavam seus cadernos e se direcionavam na frente da sala e em fila, seguindo o cheiro da merenda que desde outrora se espalhava da cozinha para toda a escola. Deste dia em diante, meu sonho não era apenas ocupar um carteira escolar, era aprender a ler e escrever.

Comecei a ser alfabetizada aos quatro anos por minha tia normalista e também acadêmica de Pedagogia. Ela preparava o ambiente com muito cuidado: improvisava uma carteira e um banco escolar com duas caixas de refrigerantes vazias (encapadas com papel manilha) colocadas no canto da cozinha da lanchonete da nossa família. Ali nossa aula começava, em meio às suas cartilhas, folhas e o meu primeiro caderno, já usado por alguém e com algumas páginas rasuradas e arrancadas. E claro: os pedidos dos fregueses. Minha tia era professora de uma escola na zona rural, ela me ensinou primeiro as vogais e depois o meu nome, e assim sucessivamente. Não tardou e eu meti na cabeça que estava habilitada para trabalhar junto com ela na escola, e não me importava se para isso, assim como ela, eu tivesse que acordar ainda de madrugada, antes do alvorecer e empreender um longo percurso de bicicleta até chegar à escola rural. Na minha imaginação de criança, aquela talvez pudesse ser uma das melhores aventuras. Assim, todas as noites eu planejava o dia que eu conseguiria acompanhar a minha tia-professora. Quase sempre eu separava e deixava arrumada a minha roupa e os meus cadernos para o dia seguinte, mas dificilmente conseguia acordar tão cedo e quando conseguia, ela precisava sair escondida de mim e inventar uma desculpa qualquer. A solução era ficar em casa e brincar de professora com uma pequena lousa pendurada na parede da varanda, motivo de riso certo para o adulto que perguntava: *o que você quer ser quando crescer?*

Finalmente, aos cinco anos de idade ingressei na Escola Estadual Tenente Aviador Antônio João para cursar a pré-escola e as séries iniciais do 1.º Grau, que todos à minha volta insistiam em chamar de primário, inclusive eu, sem ao menos saber a profundidade do significado histórico do termo. Enfim, para uma grande parte da população, a história da infância está estreitamente ligada à história da sua instituição escolar, e certamente a minha está relacionada à história da Escola Tenente Aviador Antônio João em Caarapó/MS - a primeira escola que frequentei enquanto aluna e já não mais apenas como criança,

representando para sempre, a minha infância escolarizada, a minha aventura pelo universo da educação.

Durante muitos anos, esta instituição passou a ser a minha referência. Pelos caminhos da escola, eu conheci o movimento da cidade, suas mudanças e rearranjos. Por entre casas, comércios, avenidas e construções, acompanhava o cotidiano daquela área central da cidade, que além da escola, agrupava a igreja, a praça, a prefeitura e o hospital, paisagem urbana de uma típica cidade do interior.

No deslocamento para a escola, as relações sociais e culturais eram estabelecidas, o cotidiano era inventado e tudo era experimentado durante o itinerário: o cumprimento às vendedoras da loja de móveis *Pioneiro*; a paisagem das ruas, calçadas e esquinas; a casa grande com belas flores plantadas junto ao portão e que muitas vezes eram colhidas cuidadosamente pelos alunos, sob a audição atenta dos cães e a peraltice faceira de criança, tudo para presentear a professora, não por mero ato de querer agradar, mas como simples gesto de ternura e gratidão por aquela que nos ensinava; a formação da fila, a oração inicial e o cabeçalho na lousa; o uniforme escolar: branco com gola azul marinho e o brasão da escola no lado esquerdo do peito; a inspeção das nossas unhas e cabelos feita de surpresa pela diretora; a pressa em terminar as atividades da cartilha *Pipoca* e ficar à espera de um pedido da professora para eu ajudar os outros colegas com os exercícios; a lancheira vermelha que guardava o lanche de casa preparado por minha mãe com todo carinho, acompanhado com o comentário de sempre: “estude e se comporte direitinho!”; a merenda escolar, com seus cheiros e sabores, principalmente, o gosto inesquecível do leite servido no meu primeiro dia de aula e a sopa de macarrão com carne moída nos tempos de inverno rigoroso; os *gelinhos* comprados das merendeiras e que deixavam as bocas e as pontas dos dedos dos alunos alegremente coloridos após o intervalo; a visita que chegava à sala de aula e todos se colocavam em pé ao lado da carteira até segunda ordem da professora, um ritual de respeito, um gesto de disciplina. Às 16h30min soava o último sino, indicando o retorno pra casa.

No caminho de volta não podia faltar o *boa tarde* aos vizinhos e aos vendedores das lojas que sempre me questionavam sobre o que eu tinha aprendido na aula; a companhia dos colegas; as impressões e representações que tínhamos dos professores das outras séries; as conversas sobre os acontecimentos das aulas, dos novos saberes adquiridos e os constantes comentários de que estudávamos na escola mais *velha* da cidade, que não pesava como estereótipo negativo, mas sim como um orgulho, mesmo que ainda indecifrado. Enquanto eu cantarolava com humor a canção do trânsito aprendida na aula, trazia com todo cuidado numa das mãos uma folha de sulfite ainda com cheiro de álcool e com um desenho mimeografado

da figura de Tiradentes, em alusão a sua data comemorativa, tarefa de casa para o dia seguinte, na outra mão, alguns tocos de giz, sobras valiosas que garantiam uma das brincadeiras preferidas entre as crianças da vizinhança, a amarelinha rabiscada no chão da calçada ao entardecer.

Em suma, com seus cheiros, gostos, luzes, sons, cores, posturas, gestos, celebrações, rituais, rotinas, linguagens, tempos e espaços, a cultura escolar com suas práticas e representações, se inscreve na escrita da cidade, na cultura urbana, na infância e regula o cotidiano das pessoas.

A cidade, o seu povo, a cultura material e o cotidiano descobertos nos caminhos da escola se impuseram mais tarde como objeto de pesquisa, quando a trajetória se transformou no desafio de reconstruir o percurso da escola, sua cultura e singularidades diante do seu itinerário de funcionamento no interior de uma sociedade em que está inserida. Sabemos que é muito comum o pesquisador escolher o seu tema de pesquisa, mas nesse caso, foi o próprio tema que me escolheu, com todo entusiasmo despertado e os questionamentos epistemológicos suscitados.

Por conseguinte, para dar subsídios ao desenvolvimento desta pesquisa, buscamos fundamentação nas contribuições de Roger Chartier, mediante os conceitos de práticas e representações como instrumentos essenciais da análise cultural. Chartier nos esclarece que o conceito de representação deve ser entendido como um “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é”. (1988, p.20). Assim, o autor entende representação como um signo que funciona como manifestação de algo representado, que não necessita ser diretamente comprovado ou exibido para ser compreendido e acreditado. As representações se traduzem no pensar e no fazer o cotidiano escolar, pois à medida que os seus agentes sociais pensam e fazem a realidade escolar, eles se apropriam dos modelos culturais que os circundam, reinterpretando e utilizando-os. Os referenciais de Chartier (1988) permitem a esta pesquisa identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.

Também são utilizados os referenciais de Peter Burke (2005) que vislumbra as mudanças ocorridas na historiografia a partir do surgimento da Nova História Cultural, que se apresenta como nova por expressar novos problemas, novas abordagens e novos objetos. O autor ainda sustenta a utilização de imagens como evidências históricas e testemunhas da cultura material.

Michel de Certeau (1998), por sua vez, é outro autor que contribui para o estudo e análise do cotidiano e a cultura ordinária, além disso, Certeau (2010) nos fornece suporte teórico-metodológico das operações que regulam a escrita da história.

Não obstante, pode-se dizer que a história dos grupos escolares emerge nos anos 1990 como fruto do movimento de renovação dos estudos em história da educação, mediante a combinação de duas temáticas ou dois eixos de investigação: A história das instituições escolares e a cultura escolar. Esse interesse significou uma redescoberta do ensino primário, que passa a ser investigado com base em novas abordagens e interpretações epistemológicas e explorado numa multiplicidade de temas e objetos.

O presente trabalho insere-se na perspectiva das pesquisas sobre cultura escolar, sobre a história das instituições escolares e a institucionalização do ensino primário. Assim, seguindo as definições de Castanho (2007), a institucionalização é entendida como um processo social, algo que se desenrola no tempo e no espaço de uma sociedade. Trata-se do processo pelo qual se forma e se desenvolvem instituições sociais. Em consonância, nas palavras de Saviani (2007b), a instituição escolar apresenta-se como uma estrutura material que é constituída para atender a determinada necessidade humana, mas não qualquer necessidade. Trata-se, pois, de uma necessidade de caráter permanente. Assim, a instituição é criada para permanecer. As instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, pois são determinadas pelas necessidades postas pelas relações entre os homens, como pelo seu próprio funcionamento, haja vista que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade à qual servem. Deste modo, Castanho (2007) completa que a instituição escolar é um lugar social dotado de permanência, ou estabilidade, cercado de reconhecimento em sua missão, mantido por recursos humanos e materiais, normatizado externa e internamente, enfim, sustentado por valores, ideias e comportamentos, que no seu conjunto formam a cultura institucional, no caso, a cultura escolar. Por outro lado, Magalhães (2005) prefere a utilização do termo instituição educativa, que é um conceito mais amplo e abrange não apenas a escola no seu envolver histórico, mas também outras formas sociais educadoras em que se desenrola o processo de transmissão cultural.

As pesquisas sobre a cultura escolar, por sua vez, é uma das vertentes a partir das quais os estudos sobre os grupos escolares têm contribuído para a renovação da história da educação no Brasil. Ao delimitar o objeto de estudo *grupos escolares*, entendendo-o como elemento e dispositivo de realização das culturas escolares, as pesquisas têm permitido revelar uma gama de fatores e inter-relações antes não enfocadas pelos estudos das políticas

educacionais no Brasil. Ao eleger como categoria de análise a cultura escolar nas suas inúmeras vertentes e relações, dando ênfase aos sujeitos, suas práticas e representações, assim como, aos tempos e espaços escolares, à história das instituições e disciplinas escolares, enfim, pretende-se demonstrar a dinâmica do movimento da escola que ocorre no interior do movimento da cidade, num processo simultâneo de produção da escola que também produz a sociedade.

Logo, a cultura escolar é tratada nesta pesquisa a partir das contribuições de Dominique Julia, André Chervel, Jean-Claude Forquin e Antonio Viñao Frago. Sabemos o quanto desafiante é uma análise desta categoria, a começar pela própria multiplicidade de conceitos e definições que o termo cultura suscita, por isso, delimitamos desde já, que a cultura escolar a que iremos nos referir nessa pesquisa, é consonante com os conceitos dos autores citados, a começar por Julia, que a descreve como:

[...] um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). [...] Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização. (JULIA, 2001, p.10-11).

Em outras palavras, o autor aponta para a necessidade de o historiador considerar uma história sociocultural da escola, e ao se pesquisar a sua cultura, voltar o olhar para o interior da mesma, ou seja, para o estudo de suas práticas escolares, sem, contudo, deixar de analisar as relações entre as diversas culturas que a circundam. Chervel, por sua vez, outro grande teórico da temática, destaca a importância da história das disciplinas escolares como elemento do estudo da cultura escolar. Para Chervel (1990), desde que se reconheça que uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas as grandes finalidades da sua constituição e o fenômeno de aculturação de massas que ela determina.

Contudo, apesar dos autores concordarem com o papel da história das disciplinas escolares, Julia e Chervel divergem em suas concepções de cultura escolar. Enquanto o primeiro levava em consideração a análise das práticas escolares, o segundo enfatizava a cultura escolar como algo original, interessando-se pelos saberes escolares.

Forquin (1992), por sua vez, apresenta a cultura escolar como uma cultura segunda, uma cultura derivada e transposta, subordinada a uma função de mediação didática e determinada pelos imperativos que decorrem desta função, pelos programas e instruções oficiais, manuais e materiais didáticos, temas de deveres e de exercícios, controles, notas,

classificações e outras formas propriamente escolares de recompensas e de sanções. Já Viñao Frago (2001) defende que a cultura escolar abrange um conjunto de manifestações que acontecem no interior da escola.

La cultura escolar, así entendida, estaría constituida, en una primera aproximación, por un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inércias, hábitos y prácticas – formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos – sedimentadas a lo largo Del tiempo en forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas en entredicho y comportidas por sus actores en el seno de lãs instituciones educativas. (p.29).

Em suma, é interessante destacar que a cultura escolar envolve o conjunto do fazer escolar. A escola faz e transmite cultura por meio de seus conteúdos culturais, e o grande desafio da pesquisa é buscar entender como os sujeitos escolares se apropriam e representam a cultura. Ainda para a compreensão e estudo da cultura escolar, bem como, da história da educação brasileira, da história e historiografia da implantação dos grupos escolares e da escola primária no Brasil, recorreremos aos trabalhos de teóricos que são os principais expoentes no estudo das temáticas, sobretudo, Diana Gonçalves Vidal, Luciano Mendes de Faria Filho e Rosa Fátima de Souza.

Além disso, para conhecimento e análise dos contextos políticos, históricos, culturais, sociais e econômicos da região foram utilizados como referenciais os trabalhos de Paulo Roberto Cimó Queiroz, José de Melo e Silva, Hélio Serejo, Ramão Vargas de Oliveira e Valmir Batista Corrêa. Destacamos ainda as contribuições de Humberto Marcílio no que tange ao contexto histórico da educação em Mato Grosso, tendo como referência maior o livro *História do ensino em Mato Grosso*, que se configura por si só como uma valiosa fonte documental.

Apesar das poucas pesquisas que dispõe a historiografia sobre os grupos escolares, cumpre destacar que, o itinerário destes estudos não são caminhos novos, tendo sido trilhados por muitos estudiosos. Entretanto, a própria historiografia brasileira sobre grupos escolares também revela o caráter acentuadamente regional dos estudos e uma grande preocupação com as origens, ou seja, com o recorte temporal da implantação dessa modalidade de escola primária em cada estado, resultando dessa maneira, numa ênfase ao período relacionado à Primeira República. Deste modo, é possível citar as pesquisas e produções do próprio Luciano Mendes de Faria Filho em relação aos grupos escolares em Minas Gerais; Rosa Fátima de Souza em São Paulo; Antônio Carlos Ferreira Pinheiro na Paraíba; Antônio de Pádua Carvalho Lopes no Piauí; Marcus Levy Albino Bencostta e Gisele de Souza no Paraná; Eliane Terezinha Peres no Rio Grande do Sul; Viviane Lovatti Ferreira no Espírito Santo; Rosinete Maria dos Reis e Lázara Nanci de Barros Amâncio no Mato Grosso. Destacamos ainda, a

importância das pesquisas da Prof.^a Dr.^a Regina Tereza Cestari de Oliveira da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) – Campo Grande/MS, sobre os grupos escolares no Sul do antigo Mato Grosso e atual Mato Grosso do Sul com recortes temporais de 1910 a 1930 e 1930 a 1950.

Entretanto, considerando tais estudos e experiências, o que motiva a presente pesquisa não é somente o fato de haver um número reduzido de referências e uma escassez de trabalhos relacionados aos grupos escolares no Sul do antigo Mato Grosso, ou melhor, no Mato Grosso do Sul, mas o que diferencia e justifica esta proposta é justamente a intenção de se debruçar sobre a temática deslocando o foco para a cultura escolar no processo de institucionalização do ensino primário no interior do estado, avançando também para outros períodos históricos, neste caso, para a segunda metade do século XX, com o recorte temporal de 1950 a 1974, seguindo a orientação de Souza e Faria Filho (2006), de que é necessário avançar no século XX, para ampliar a compreensão da suposta modernidade que se pretendia instaurar na instrução pública no período republicano e a relevância que ela teve na escolarização da população brasileira.

A própria historiografia sobre os grupos escolares revela que, embora implantados durante a Primeira República, sua difusão efetiva ocorreu a partir dos anos 1930, e, em alguns estados e regiões ainda de forma mais lenta e tardia. Cumpre destacar também, a importância da investigação sobre as transformações das escolas primárias, entre as décadas de 1930 e 1960, período de forte predomínio da *Escola Nova* e que provocou um redirecionamento das finalidades da instrução primária e uma reordenação da escola.

Diante do desafio de recompor no presente os fatos e acontecimentos do passado, aplicando a eles uma historicidade, cabe ao pesquisador dispor de um rigor metodológico. Daí a necessidade das fontes serem investigadas, questionadas, entrecruzadas e analisadas com critérios científicos, considerando suas minúcias ou como nos sugere o próprio Ginzburg (2002), é importante o pesquisador atentar-se para os indícios, pistas e sinais para remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente.

Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa foi adotado um conjunto de procedimentos metodológicos que envolvem o levantamento e pesquisa bibliográfica e documental, a análise de conteúdo, análise documental e análise fotográfica. Em relação à pesquisa bibliográfica, recorreu-se a livros, dissertações, teses e artigos científicos em materiais impressos e eletrônicos. A pesquisa e análise documental, por sua vez, basearam-se predominantemente em consultas de fontes em acervos do Centro de Documentação Regional (CDR) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); no arquivo da Escola Estadual

Tenente Aviador Antônio João em Caarapó; no Arquivo Público de Mato Grosso (APMT); no arquivo do Museu Municipal de Caarapó; no arquivo do Museu Histórico de Dourados; nos arquivos pessoais de ex-alunos e ex-professores e em jornais de época, principalmente, no acervo do jornal O Progresso.

Com efeito, não se trata de considerar as fontes como origem do fenômeno histórico considerado. As fontes estão na origem, constituem o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção histórica que é a reconstrução, no plano do conhecimento do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, é nelas que se apoia o conhecimento que produzimos a respeito da história. (SAVIANI, 2004, p.5-6).

Na primeira etapa de levantamento das fontes, nos deparamos com os primeiros obstáculos da pesquisa documental: muitos dos documentos foram extraviados, perdidos e incinerados. Outros sequer haviam sido arquivados, nem mesmo os documentos administrativos oficiais da vida escolar do aluno, como o histórico escolar, que deveria compor o arquivo permanente da escola foram preservados. Do recorte temporal delimitado na pesquisa, encontramos apenas um acervo de fotografias com os versos autenticados, decreto de criação, portarias, planta baixa do prédio escolar e as atas de resultados finais de 1.^a a 4.^a série dos anos de 1956 a 1965 e de 1969 a 1980. Ainda não sabemos por quais motivos, mas os arquivos permanentes que a escola preservava compreendiam apenas os de 1974 em diante.

Diante da escassez de documentação, seguimos as pistas fornecidas por ex-alunos e ex-professores em busca de fontes em arquivos particulares, além disso, intensificamos a pesquisa documental nos museus, acervos de jornais e principalmente, no CDR da UFGD. O Centro além de possuir um conjunto de teses, dissertações e livros raros sobre a história do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul, possui um acervo de documentos referentes aos estudos regionais, em destaque para esta pesquisa, aos da Delegacia Regional de Ensino (DRE) de Dourados, pertencentes ao período histórico anterior a divisão do Estado do Mato Grosso e que por esta razão, estavam localizados em arquivos de Cuiabá e retornaram recentemente para o Mato Grosso do Sul para compor o acervo do CDR. Muitos desses documentos ainda não foram catalogados, outros sequer limpos, classificados e identificados. Trata-se de documentos valiosos das escolas da região da Grande Dourados/MS, dentre eles os do Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João do município de Caarapó/MS.

Somando-se a isso, os jornais serviram de fontes históricas imprescindíveis. As notícias publicadas pela imprensa nos forneceram indícios acerca da cultura material e do cotidiano da região. Além disso, ao partirem em defesa da educação como ilustração do

progresso e do processo civilizador, os jornais locais publicaram inúmeros artigos reivindicando melhorias para o ensino da região, cobrando dos governos a abertura de escolas e divulgando os eventos escolares, principalmente na década de 1950 até meados de 1964, quando muitas publicações passaram por uma censura disfarçada pelo discurso de amor à Pátria na égide da Ditadura Militar. Os jornais permitiram uma leitura panorâmica da realidade do sistema educacional da época, entretanto, é preciso deixar claro que, todo rigor metodológico foi tomado à medida que, no interior de qualquer jornal a presença de ideologias é inevitável. Para tanto, a partir do mapeamento nos jornais foi realizado o entrecruzamento com outras fontes para garantir a fidedignidade dos dados.

Neste trabalho preferimos adotar a transcrição literal das fontes, optando pela reprodução *fac-símile* dos documentos, preservando inclusive a integralidade da ortografia original dos autores, permitindo em contrapartida, um maior contato com sua materialidade.

As fontes fotográficas também tiveram uma importância determinante neste empreendimento. Diante das especificidades e riscos que envolvem a utilização das imagens como fonte de pesquisa em história da educação buscamos suporte nos referenciais de Mauad (1996), que discute as interfaces da fotografia e a História; de Burke que vem em nosso auxílio ao afirmar que “as imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica”. (2004, p.17). Dentre as variedades de imagens, Burke destaca as fotografias e adverte que é essencial a crítica da fonte. Utilizando uma frase de Lewis Hine que diz que “*as fotografias não mentem, mas mentirosos podem fotografar*”, Burke (2004) alerta que, para a análise fotográfica, o historiador deve estar atento para as interferências dos fotógrafos, já que muitas vezes, estes manipulam os objetos e as pessoas, alterando muitos dados.

Em consonância, os referenciais de Vidal (1998) também elucidam que:

[...] quando pensamos na fotografia, apenas na dimensão de congelamento do referente (real), estamos concebendo-a, simplesmente, como ícone. Se a percebemos, também, como produzida historicamente, condicionada pela *forma de olhar* de uma época, que envolve desde enquadramento, angulação, foco, iluminação até escolha do(s) objetos(s) a ser (em) registrado(s), à dimensão icônica, acrescentamos a indicial. Mas, se a vemos, ainda, como construção-transformação do real, como uma representação da realidade, adicionamos às duas dimensões citadas acima, a simbólica.

Na percepção da fotografia como monumento e no desafio de analisá-la enquanto fonte para a história, acreditamos que é necessário concebê-la como um discurso, singular na linguagem (não-verbal) em que é constituído, e que, por sua vez, é instituinte de maneiras outras de representar a sociedade e seus conflitos. Uma formação discursiva que produz regras de validação e hierarquização, gerando um próprio do ato de fotografar. (p.77-8).

Assim, destacamos a importância da contextualização histórica do registro fotográfico e dos seus elementos constitutivos. Como fonte histórica:

A característica ontológica da fotografia é a de registrar o aparente, elaborar a aparência, cumprindo assim o seu papel de representação: assim se constroem realidades — a partir da aparência. A relação verdade/mentira na imagem fotográfica é sempre ambígua e complexa. A fotografia é uma forma de registro, não um aparelho detector de verdades ou mentiras. A matéria-prima da imagem fotográfica é a aparência – selecionada, iluminada, maquiada, produzida, inventada, reinventada – objeto da representação. A fotografia se refere, portanto, à *realidade* externa dos fatos, das fantasias e das coisas do mundo e nos mostra uma *determinada versão* iconográfica do objeto representado, uma *outra realidade*: a realidade fotográfica, isto é, uma segunda realidade. (KOSSOY, 2005, p. 40)

Cumprir destacar que, depois de arroladas as fontes, foram justamente através dos indícios dos documentos encontrados, que nos deparamos com novos personagens da história da educação no município e que nem sempre eram os mais conhecidos. Na verdade, tentando contornar as dificuldades iniciais de acesso aos documentos e já partindo para a procura de arquivos particulares, percorremos uma busca entre os sujeitos escolares que não fossem necessariamente as autoridades do ensino. O aspecto mais interessante nesse processo foi que, o contato com esses sujeitos acabou colocando em evidência em seus relatos, a riqueza de suas reminiscências e que sinalizou para a produção de outra fonte que, indubitavelmente acabou se impondo à pesquisa – a fonte oral.

Dentre as formas de trabalho com as fontes orais, delimitadas por Meihy (1996) como: a História Oral de Vida, a História Oral Temática e a Tradição Oral, decidimos pela utilização da História Oral Temática para a sistematização dos procedimentos metodológicos desta pesquisa. De acordo com Meihy, dado o seu caráter específico, a história oral temática é bem diferente da história oral de vida, pois os detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam à medida que revelam aspectos úteis à informação temática. Deste modo, por partir de um assunto específico e preestabelecido, a história oral temática se compromete com o esclarecimento do entrevistador sobre algum evento definido, em que a objetividade é direta.

Todavia, conforme Vidal (1996), o que nos cabe não é tentar anular a interferência, pretendendo uma objetividade, mas aprender como lidar com a subjetividade inerente na produção da memória. A propósito, Vidal (1990) esclarece em outra oportunidade que, apesar de nem o documento escrito e nem o documento oral serem produzidos no momento em que os fatos ocorrem, é somente para a história oral que a questão da memória se coloca. Entretanto, o que essa discussão acerca da memória traz é uma disputa pela instituição do documento verdadeiro, aquele que é capaz de permitir a apreensão da história o mais próxima do real. Acontece que, para a autora, esta é uma discussão estéril, pois, tanto os documentos escritos como os orais são documentos históricos, criados por determinações objetivas e

subjetivas que nos fogem à detecção. O importante é utilizá-los como documentos produzidos historicamente, capazes de oferecer subsídios à compreensão do passado e do que esse passado se tornou presente. A história oral permite, portanto, um registro da humanidade, mas isso não a faz melhor, nem mais importante e por assim dizer, nem mais democrática. Assim, deixamos claro que, neste trabalho não pretendemos adotar a postura de *dar voz ao excluído*, pois acreditamos que, “não é dando voz ao outro que se obtém ‘democracia’ na escrita da história, mas tratando as fontes, escritas, orais ou visuais, de maneira democrática, estando alerta para ouvir, não apenas falar ao documento”. (VIDAL, 1996, p.235).

Meihy (1996) também é enfático ao declarar que é desprezível discutir se história oral se compraz ou não em ser uma técnica, um método ou uma disciplina. Da mesma forma, é pobre manter a discussão sobre a cientificidade ou não da história oral. Cabe, pois, reconhecê-la como instrumento capaz de colocar novos elementos à disposição dos interessados na leitura da sociedade, assim como é válido não considerá-la como mero substituto para carências documentais.

Ademais, assim como optamos pela transcrição integral dos documentos escritos, também mantemos a forma como os relatos foram expostos, suprimindo apenas as repetições da fala e algumas interjeições. Das entrevistas realizadas, optamos pela utilização de três, que representam os sujeitos escolares envolvidos no processo de institucionalização do ensino primário em Caarapó e os períodos históricos compreendidos no recorte temporal da pesquisa.

Contudo, expostos as etapas percorridas, os resultados da pesquisa estão organizados em três capítulos. No primeiro, *Um diálogo entre o nacional e o regional: contextualizando a história do ensino primário em Mato Grosso e Caarapó*, apresentamos uma análise que inclui a história regional num contexto mais amplo de mudanças e transformações, propondo elucidar as vicissitudes que acompanharam a trajetória dos Grupos Escolares desde a sua implantação no Estado em 1910 até a sua expansão para o interior. Os termos regional e nacional, segundo Alves (2001), são expressões, em escalas diferentes, do singular. O universal significando o movimento dado pelas leis da totalidade, ou seja, da sociedade, e o singular pelo *lócus* em que esse movimento se realiza: uma região, uma instituição educacional, a obra teórica ou a prática de um educador, etc. Assim, o universal e o singular são indissociáveis e os objetos de pesquisa só são suficientemente captados quando revelam a sua indissociabilidade. As expressões nacional e regional não se opõem ao universal, são na verdade, formas por meio das quais o universal se realiza. Como são formas sempre peculiares, decorrentes dos condicionamentos culturais, econômicos e sociais de cada região ou nação, são, assim, expressões singulares de realização do universal. Sob este prisma,

ousamos desvelar como a forma singular realiza o movimento pertinente ao universal e como, o objeto investigado se dá a mediação do universal.

No segundo capítulo, *Caminhos da escola: da cultura rural à cultura urbana*, buscamos compreender e analisar a escola caarapoense mediante a sua relação com uma multiplicidade de culturas que a circunda: a cultura rural, a cultura urbana, a cultura popular, bem como as culturas familiares, políticas, religiosas, infantis, étnicas, e enfim, também com o próprio cotidiano de Caarapó; analisamos o processo de institucionalização do Ensino Primário no município, atentando para as suas mudanças e efeitos introduzidos pela implantação do modelo dos Grupos Escolares e a convivência com outras modalidades de escola primária na região, levando em consideração a influência do movimento da *Escola Nova* e a introdução dos conhecimentos psicológicos e sociológicos nas concepções pedagógicas do século XX.

Por último, no terceiro capítulo, *Cultura escolar e prática social: o Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João* focalizamos as especificidades da cultura escolar e material do Grupo como constitutivas de suas práticas e representações; além disso, percorremos os vestígios de sua cotidianidade, seus tempos e espaços, as relações estabelecidas entre os sujeitos escolares enquanto agentes sociais, as mudanças e permanências do ensino com o intuito de desvelar e entender as tramas inerentes nas trocas estabelecidas historicamente entre escola, sociedade e cultura.